

RESENHA DE DISSERTAÇÃO

IMAGENS DA INFÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

André Henrique dos Santos Francisco¹ 

ALVES, Alcione Bastos. *Imagens da Infância na Construção de Masculinidades na Contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde) - Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2021.

Alcione Bastos Alves é médica, terapeuta e mestre em psicologia. Com mais de 30 anos de carreira, uma formação voltada para a multidisciplinaridade, dedicação constante a estudos e especializações e uma capacidade de escuta e percepção singulares, a autora tem se debruçado sobre questões ligadas aos estudos de corpo e gênero, especialmente no âmbito das masculinidades.

Em 2021, Alcione Alves defendeu sua dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia conferido pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde.

A dissertação faz parte do projeto “A Construção de Masculinidades na Contemporaneidade e suas Repercussões”, vinculado à linha de pesquisa “Memória, Cultura e Subjetividade”, do grupo de pesquisa “Psicologia, Diversidade & Saúde”. Ademais, o enfoque no âmbito cultural, em memórias e subjetividades, é bastante evidente na construção do trabalho de Alcione Alves, já que a dissertação traz questões acerca da importância dos elementos lúdicos na construção das nossas identidades, especialmente no que tange à identidade de gênero e à produção de masculinidades.

No que tange aos estudos de gênero, há cerca de 15 anos que as questões ligadas às masculinidades têm despertado um maior interesse de estudiosos e pesquisadores (e mesmo da sociedade civil em geral), como também ganharam força na atualidade as discussões e debates em torno dos diversos modelos de masculinidades.

A dissertação de Alcione Alves se alinha a essa perspectiva dos estudos de masculinidades. A autora aponta, já na introdução, que “o homem parece ainda se debater buscando desenvolver músculos cada vez mais proeminentes, turbinados por suplementos vitamínicos e hormonais cada dia mais disseminados, parecendo fazer deles, seus verdadeiros ‘heróis’” (ALVES, 2021, p. 07), enquanto a sociedade contemporânea, em maior ou menor medida, tem exigido desses homens outros comportamentos, outras posturas, outras demandas. Assim, estabelece-se uma espécie de crise paradigmática: o homem, como conhecemos na atualidade, estaria sem modelos a seguir, vivendo em uma “monogamia da imagem”, assim, como ele entende o seu papel enquanto “macho”?

Se, de fato, há uma falência de modelos clássicos e uma exigência por novos modelos, a autora busca identificar com quais imagens os homens têm se identificado enquanto sujeitos: “Que imagens alimentam as fantasias do homem nesses tempos atuais em que os laços são frágeis, os relacionamentos descartáveis, os sentimentos fluidos? Quais são os seus estereótipos? Quais são os novos heróis masculinos, se é que eles existem? Por fim, que imagens se formam na base da estrutura psíquica onde se assentam os modelos de masculino e feminino do homem contemporâneo?” (ALVES, 2021, p. 08-09).

Alcione Alves, então, se propõe a analisar a percepção de homens sobre suas masculinidades a partir de imagens infantis que constituem seu repertório psíquico, buscando possíveis relações de determinados



¹ Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. Subdelegado Estadual da SBRASH – RJ. andreh77@gmail.com

modelos de masculino com o machismo e com a LGBTfobia, tal como tenta compreender quais mudanças têm se processado no âmbito do masculino na contemporaneidade. Com esse objetivo, a autora parte para o resgate dessas imagens dos heróis que povoaram as infâncias de seus entrevistados.

Nesse ínterim, é elaborado um questionário, composto por 44 questões que abordavam temas relacionados à infância, à figura masculina e feminina de referência, aos programas infantis favoritos, ao personagem ou herói/heroína preferidos, a experiências de racismo, e por fim, ao significado do que é ser homem.

No desenrolar de sua pesquisa, Alcione Alves demonstra sua intenção de selecionar uma amostra que fosse tanto representativa quanto diversa. Para isso, a seleção dos participantes, inicialmente contou com a disponibilização online do questionário em redes sociais como Instagram, Facebook e WhatsApp. É digno de nota que o questionário utilizado pela pesquisadora (que se encontra no apêndice E da dissertação) se mostra bastante abrangente. Por exemplo, das 44 questões que compõem o questionário, cerca de 60% delas abrem espaço para respostas descritivas e/ou subjetivas. Além disso, as questões mais objetivas abrem muito espaço para diversidade e para autoidentificação (por exemplo, as pessoas podem se definir como homens ou mulheres, trans ou cis, não-binários, sendo que há explicações no questionário para a marcação dessas diferenças). A qualidade das perguntas leva a um panorama bastante amplo sobre as masculinidades na contemporaneidade porque não engloba somente a questão de gênero, mas leva em consideração outras interseções e interpassamentos, como por exemplo, raça e classe.

Essas diferenciações se tornaram importantes, especialmente devido aos filtros estabelecidos não apenas para delimitar a escolha por homens (cis ou transgênero), mas para abranger uma ampla diversidade racial, religiosa e de orientação sexual, bem como de dados demográficos (tais como idade, renda e localização, entre outros). Foram respondidos 289 questionários, que resultaram na participação voluntária de 78 pessoas em entrevistas seletivas e, por fim, considerando tais entrevistas e os critérios de diversidade, foram selecionados 10 participantes para entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio e vídeo com posterior transcrição e análise dos conteúdos.

O pulo do gato dessa dissertação está na utilização de métodos da História Oral para lidar com as entrevistas que a autora realizou. Os relatos orais, tais como depoimentos e entrevistas, são amplamente utilizados em diversas áreas de estudos, como fontes válidas para a produção de conhecimentos. Na pesquisa de Alcione Alves, o suporte teórico da História Oral “teve como objetivo captar conceitos a partir dos argumentos e dimensões da subjetividade dos participantes para a pesquisa, a partir de entrevista semiestruturada com perguntas disparadoras que facilitam o direcionamento dos temas pesquisados” (ALVES, 2021, p. 13). Dessa forma, o resgate das informações referentes aos heróis da infância é feito com esse grupo de indivíduos em torno de suas perspectivas inseridas num contexto comum.

Ao analisar as diversas narrativas, Alcione Alves chega em alguns eixos temáticos que norteiam a construção de masculinidades, tais como as influências das figuras maternas e paternas, heróis e personagens infantis, ideário sobre “ser homem” e (des)construção do machismo.

A autora também aponta que ainda há uma persistência nos imaginários e nas vidas dessas pessoas de modelos de masculinidade que já não cabem mais na realidade social da atualidade. Além disso, esses modelos ainda se reproduzem porque encontram espaços para que se mantenham, sejam esses reais ou virtuais. Assim como em muitos lares ainda existem comportamentos que, por exemplo, favorecem o lugar do homem em não se responsabilizar por afazeres domésticos e laborais, diversas redes sociais funcionam como espaços de trocas subjetivas entre homens que asseguram permanência desses padrões de masculinidade ditos hegemônicos.

De acordo com os estudos e perspectivas de diversos pesquisadores, no que tange ao gênero, é possível notar em nossas sociedades uma certa valorização de elementos que compõem um padrão socialmente entendido como característico da masculinidade, tais como virilidade, força, vigor, dominância, assertividade, proatividade, entre outros (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010; DUTRA, 2002; SANTOS FRANCISCO, 2019).

Alcione Barros não se furta de destacar a persistência desse modelo como hegemônico na atualidade, correlacionando sua reprodução e perpetuação com a cristalização de certas imagens da infância e com o reforço contínuo desse ideário; como também aponta a necessidade de mudanças que permitam viver outras

masculinidades – divergentes e/ou subalternas (embora a autora não utilize esses termos/conceitos).

A partir das falas de seus entrevistados, a pesquisadora mostra que “a manifestação da masculinidade essencializada traz o movimento de interiorização dessas reproduções machistas para as redes de vínculo dos homens, onde a homossociabilidade permite um ‘pacto’ em que atitudes machistas, racistas, LGBTfóbicas sejam disseminadas sem a necessária repressão dessas atitudes” (ALVES, 2021, p. 29).

Cabe lembrar que a performatividade do gênero teria um caráter imitativo do que se espera socialmente dele (BUTLER, 2016; MESQUITA, 2020). Também vale ressaltar que as imagens da infância não se referem apenas aos heróis e personagens da ficção, mas também ‘heróis’ e ‘personagens’ da vida real, ou seja, figuras paternas e maternas que serviram de modelo para a construção da ideia desses indivíduos sobre o que é ser homem.

Enfim, no cenário atual, a vida virtual é uma parte integrante e importante da vida social, o que evidencia esse papel das redes sociais na reprodução e manutenção de modelos de masculinidades. Levando em consideração essa preeminência do online, Alcione Alves fala também sobre limites e dificuldades de se realizar pesquisas acadêmicas no âmbito virtual: desde dificuldades técnicas até outras limitações, considerando a necessidade de distribuir questionários e realizar entrevistas utilizando a internet por exigência do contexto da pandemia de COVID-19. Isso, inclusive, abre caminhos para uma reflexão sobre os métodos empregados na investigação social.

Além disso, a autora chama a atenção para o fato do apagamento que vem sendo realizado, pelo atual governo federal, “das questões que envolvem principalmente raça e gênero, deixando de fora as demandas da diversidade, do meio didático e bem como definindo normas para publicações literárias que abordam questões dessa natureza” (ALVES, 2021, p. 53).

Apesar das dificuldades apontadas, Alcione Alves parece ter superado o desafio de usar a internet e, por meio das entrevistas online, conseguiu reunir um bom apanhado de falas marcantes. É interessante notar que a autora, ao desvelar essas imagens ligadas a uma masculinidade próxima desse padrão hegemônico, o faz na correlação com as da infância resgatadas das reminiscências nas narrativas dos indivíduos. Ela cita, por exemplo, no resgate dessas imagens, figuras que remetem à força, aos poderes, um quê de dominância, uma relação com estado natural (animalesco até): “as imagens dos heróis que povoaram a imaginação infantil dos participantes, são todos formados por personagens estrangeiros de cultura americana e ou japonesa, extraterrestres e meio homem, meio animais. Todos com algumas similaridades de possuírem superpoderes que lhes outorgava a capacidade de vencer a luta do bem contra o mal” (ALVES, 2021, p. 42).

Com base no trabalho de pesquisa, Alcione Alves investe na produção de 3 livros infantis, que compõe uma série intitulada: “O que é ser homem para você”. O primeiro livro, já elaborado e publicado, centra sua história num menino de cerca de 5 anos de idade que, excluído de uma brincadeira pelas meninas, busca compreender o que viria a ser homem. Nas palavras da autora, neste primeiro livro, “o contato com a imaginação da criança, se dá através das figuras dos animais que no sonho, conversam com ele, tal como são apresentados os desenhos animados, e que se conectam diretamente com as imagens da psiquê” (ALVES, 2021, p. 18). A proposta deste livro e dos demais é trazer nas falas dos animais antropomorfizados as ideias de divisão igualitária de tarefas domésticas, cuidado com o bem-estar da família e das pessoas, modelos de famílias não tradicionais, bem como outros temas que fazem parte da problematização sobre o ser homem e o ser mulher na contemporaneidade.

A aposta de Alcione Alves no aspecto lúdico se deve à sua crença firme no potencial transformador da educação. Além de promover mudanças no âmbito da justiça social e dos direitos humanos, a educação “pode provocar reflexões internas e fazer o sujeito questionar não apenas modos de viver, hábitos e comportamentos, como as ideias que nos levam a ser de determinada forma” (ALVES, 2021, p. 61). Tanto que o livro produzido, considerando as falas de seus entrevistados, engloba questionamentos que refletem não apenas mudanças de valores transgeracionais, mas também mostram “nesse conjunto de pessoas do gênero masculino, hetero, homo e bissexuais, [...] uma busca mais ampla nos seus modos de viver suas masculinidades” (ALVES, 2021, p. 61).

Seu referencial teórico é bastante amplo e versa sobre temas que circundam o estudo das masculinidades, como machismo, corporalidade, (auto)imagem, interseccionalidade, a formação de

identidades e os elementos constitutivos (alguns até violentos) nesse processo de formação. Alcione Alves consegue desempenhar uma discussão elegante sobre esses temas, mobilizando autores de diversas áreas, tais como os psicólogos Sócrates Nolasco e Yeda Portela, a educadora Guacira Lopes Louro, o linguista Jean-Jacques Courtine, as filósofas Judith Butler e Monique Wittig, o sociólogo Anthony Giddens, a cientista social transgênero Raewyn Conell, entre outros nomes que, além de expor a veia da multidisciplinaridade da autora, contribuem para o debate sobre o papel do homem e do masculino na contemporaneidade.

Afinal, refletir sobre masculinidades na atualidade é, antes de tudo, discutir sobre uma velha concepção de masculino hegemônico (naturalístico, estanque, heteronormativo) em contraposição às diversas formas de exercício da masculinidade, as quais podem (e, às vezes, devem) ser multifacetadas ou mesmo contraditórias.

Alcione Alves não se esquiva em entrar nesse debate, ao resgatar essas imagens da infância cristalizadas no imaginário desses homens e refletir sobre os modos como elas ainda permanecem enraizadas na cultura e no inconsciente dos homens, “que terminam tomando-as como referências nos seus modos de ‘ser homem’, apresentando resistência e grande objeção em serem ressignificadas e desconstruídas, a despeito das mudanças ocorridas ao longo do século XX, principalmente lideradas pelos movimentos feministas que buscam a equidade de gênero e (...) pela teoria queer que dá voz para os corpos se reinventarem não se subordinando aos dispositivos coercitivos que regulam e hierarquizam as diferenças de gênero” (ALVES, 2021, p. 30).

A reflexão acerca do que é ‘ser homem’ para esses indivíduos nos mostra que, apesar de modelos hegemônicos, esse significado não é algo simples nem fácil de ser definido. Por exemplo, a autora mostra que os homens que conviveram na infância “com figuras femininas emancipadas, feministas e ou com a população LGBT, apresentaram um discurso mais desconstruído em relação ao machismo e à heteronormatividade, assim como a consolidação de novos valores, [...] demonstraram estar vivenciando suas masculinidades de forma mais livre e menos conflituosa” (ALVES, 2021, p. 61).

Quanto ao papel desempenhado pelo homem dentro do seio familiar, as falas escancaram a desigualdade dos gêneros em referência ao trabalho doméstico ou, ainda, quanto à imagem do homem enquanto provedor da família, “apesar de citarem a importância dessa função, alguns homens, se dão conta de como foram suas mães as responsáveis pelo seu próprio sustento, independente de terem sido criados apenas pela mãe ou por ambos” (ALVES, 2021, p. 61-62).

Com o desenrolar de suas pesquisas, mesmo reconhecendo uma prevalência de algumas ideias do modelo hegemônico de masculinidade ainda presente nas sociedades atuais, Alcione Alves afirma que, até o momento, os resultados de sua investigação têm se mostrado mais otimistas com relação à população pesquisada. Obviamente, isso é um reflexo desse processo de desconstrução e reconstrução das diversas formas de masculinidades na contemporaneidade, evidenciado também pelas falas de seus entrevistados.

Referências

ALVES, Alcione Bastos. *Imagens da Infância na Construção de Masculinidades na Contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde) - Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Nas Redes do Sexo: Os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2010.

DUTRA, José L. “Onde você comprou esta roupa tem pra homem?: A construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda”. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu & Vestido*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

MESQUITA, Márcia. “Um reboco é um reboco”: Maquiagem como performance de gênero. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós- Graduação em Antropologia. Niterói, 2020.

SANTOS FRANCISCO, André H. “De ‘Lacraia’ ao ‘Negão de tirar o chapéu’: apontamentos sobre masculinidades e negritudes em aplicativos de encontros entre homens”. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 11, n. 30, nov. 2019.

Recebido em: 05/05/2022

Aprovado em: 10/05/2022